



ESTUDOS MORFOLÓGICOS DO PORTUGUÊS: UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA DENTRO E FORA DO BRASIL

Carlos Alexandre Gonçalves¹

Graça Rio-Torto²

João Carlos Tavares³

De Saussure a Martinet e de Bloomfield a Sapir, entre outros nomes, os estudos de cunho estruturalista investiram a fundo na descrição da morfologia enquanto “estudo da configuração formal da palavra e dos processos responsáveis pela formação de novas unidades lexicais” (CRYSTAL, 1997, p. 157). Ao lado da fonologia, a morfologia teve lugar de destaque no Estruturalismo, cujo legado ainda continua sendo grande para a identificação das unidades significativas mínimas e seu papel na gramática.

A morfologia, no entanto, teve seus altos e baixos na história da Linguística no século passado, entrando, muitas vezes, de carona ou de contrabando, parafraseando Cagliari (1992), nos estudos sintáticos ou fonológicos, que tomaram lugar de destaque tanto nas abordagens mais formais quanto nos estudos de orientação mais funcional. Discutiu-se até mesmo a (ir) relevância da morfologia e seu estatuto como módulo independente da gramática. Alguns artigos chegaram a questionar “onde está a morfologia?” (ANDERSON, 1982) e outros a sugerir que “morfologia é sintaxe cristalizada” (GIVÓN, 1971).

1 Professor Titular de Língua Portuguesa da UFRJ (Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro), carlexandre@bol.com.br.

2 Professora Catedrática de Linguística da Universidade de Coimbra (Faculdade de Letras, FLUC) e membro do CELGA-ILTEC (Centro de Estudos em Linguística Geral e Aplicada) da Universidade de Coimbra, gracart@gmail.com.

3 Professor do CEDERJ (Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro), pós-doutorado em Linguística pela UERJ e doutor pelo PPGLEV, tavares.jct@gmail.com.

Desde a última década do século passado, a morfologia vem gozando de certo prestígio nos estudos linguísticos, formalistas ou não. Com os avanços da fonologia não linear, ganhou força a Morfologia Prosódica (McCARTHY, 1986), que forneceu inestimável contribuição para o tratamento de questões morfológicas nas línguas semíticas e tratamento original e muito bem sucedido para a reduplicação. Na Teoria da Otimalidade, respondeu por um dos principais avanços na área: a criação da Teoria da Correspondência (McCARTHY & PRINCE, 1995; BENUA, 1995) alavancou a descrição dos processos não concatenativos, como, no caso do português, a mutação vocálica a serviço da flexão (‘pode’, ‘pôde’, ‘pude’) e vários processos de formação de palavras até então tidos como “marginais”, a exemplo do cruzamento vocabular (‘familícia’ << ‘família’ + ‘milícia’) e do truncamento (‘presidente’ >> ‘presi’).

Ainda no âmbito das abordagens mais formalistas, são também enormes as contribuições de um modelo teórico que unifica a morfologia e a sintaxe: a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993). Nesse paradigma, um único mecanismo é capaz de formar tanto palavras quanto sentenças complexas, o que elimina a distinção entre morfologia e sintaxe no processo da derivação. No âmbito da linguística cognitiva, é cada vez maior o interesse por questões morfológicas, até mesmo como forma de validar a teoria, predominantemente voltada para questões sintáticas.

Nas análises mais voltadas para o uso, a morfologia vem ganhando projeção no âmbito das abordagens construcionais, inicialmente criadas para o tratamento de fenômenos sintáticos. A ampla adesão aos estudos nessa linha culminou na criação da morfologia construcional (BOOIJ, 2010), que dialoga com modelos de construção gramatical, segundo os quais a língua constitui um inventário estruturado de unidades simbólicas (LANGACKER, 1987) que variam em extensão (desde as mais atômicas às mais complexas) e especificidade (desde os esquemas mais genéricos às instanciações de padrões específicos). Embora mais recente, também se posiciona no grande espectro de estudos construcionais a chamada Morfologia Relacional (JACKENDOFF; AUDRING, 2016), que vem se debruçando mais a fundo na construcionalização morfológica e na produtividade lexical.

No Brasil e em Portugal, os trabalhos em morfologia ainda são minoria frente aos estudos em sintaxe e, mais recentemente, em semântica. Ainda assim, são volumosos os resultados de pesquisas em morfologia no Rio de Janeiro, tanto no âmbito do NEMP (Núcleo de Estudos Morfológicos do Português), da UFRJ, quanto na PUC-Rio, nesta última com a firme liderança de uma das principais representantes da área: a professora Margarida Basilio, que assina o texto clássico deste dossiê. Também vêm se consolidando na UFRJ estudos em Morfologia Distribuída, desenvolvidos pelos professores Alessandro Boechat e Aniela França.

O NEMP, coordenado por Carlos Alexandre Gonçalves, é um grupo de pesquisa interinstitucional, sediado na UFRJ, que reúne pesquisadores de várias universidades do estado (UFRRJ, UERJ, UFF, IFRJ, CEDERJ) e se dedica ao estudo da morfologia do português e de suas interfaces, tendo produzido numerosos e relevantes estudos sobre a temática.

Em São Paulo, a morfologia se fortalece em três grandes frentes de trabalho: (a) com a Morfologia Distribuída, difundida a partir do pioneirismo da professora Ana Paula Scher, que criou o GREMD (Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída) e formou doutores hoje em várias universidades, como a UNIFESP e a UFMG, por exemplo; (b) na perspectiva histórica, liderada pelo professor Mário Eduardo Viaro, que assina a Seção Especial deste dossiê e instituiu o GMHP (Grupo de Morfologia Histórica do Português); e, não menos importante, (c) através da Lexicologia, na figura da professora Ieda Maria Alves, responsável, por exemplo, pela criação do “Observatório de neologismos do português brasileiro contemporâneo”, importante fonte para estudos sobre formação de palavras e por dialogar com professores de várias instituições espalhadas pelo Brasil, como na região centro-oeste. O grupo liderado pela professora Ieda formou pesquisadores também espalhados pelo Brasil, como na UFGD.

Em Minas Gerais e, sobretudo, no Rio Grande do Sul, são bastante representativos os estudos na interface morfologia-fonologia, conduzidos, respectivamente, pelos professores Seung Lee e Luiz Carlos Schwindt. O professor Schwindt lidera o grupo de estudo e pesquisa “Círculo Linguístico: Fonologia e Morfologia”, com membros espalhados por quase todo o Sul do Brasil.

Na região Nordeste, destacam-se estudos em duas grandes frentes de trabalho: (a) os de natureza histórica, inseridos no âmbito do ProhPor (Programa para a História da Língua Portuguesa), e (b) os voltados para a Morfologia Construcional, que integra uma parceria UnB-UFBA-UEFS, coordenado pela professora Juliana Soledade e conduzido por ela e seus ex-orientandos Mailson Lopes e Natival Simões Neto.

Em Portugal avultam os trabalhos sobre morfologia do Português, numa perspectiva essencialmente sincrónica, produzidos pela equipa coordenada pela professora Graça Rio-Torto na Universidade de Coimbra, no âmbito do CELGA-ILTEC. Um dos expoentes desse labor coletivo é a *Gramática derivacional do Português* (2016, 2ª ed.), de Graça Rio-Torto (coord.), Alexandra Soares Rodrigues, Isabel Pereira, Sílvia Ribeiro e Rui Pereira (cf. RIO-TORTO et al., 2016). Alguns estudos sobre a morfologia do Português numa perspectiva histórica foram realizados sob a orientação de Graça Rio-Torto (UC) e coorientação de Rosa Virgínia Mattos e Silva (UFBA), de Mário Viaro (USP) ou de Juliana Soledad (UnB).

Na Universidade de Lisboa, destacam-se os estudos levados a cabo no âmbito do CLUL por Alina Villalva e por Maria Antónia Mota, ambas autoras de relevantes capítulos sobre morfologia e formação de palavras, como a *Gramática do Português* (vol.3), organizada por Raposo et al. (2015).

Neste dossiê, temos uma pequena amostra do que vem sendo abordado sobre a morfologia do português, nas variedades brasileira e europeia. Os artigos dão mostra da diversidade de temas e problemas investigados e da diversidade teórica empregada no tratamento de questões importantes para a área: flexão, formação de palavras, fronteiras internas e externas da morfologia, tipologia, morfologia de línguas indígenas e empréstimos, entre outros temas igualmente relevantes.

Compõem o presente dossiê um texto clássico, um trabalho para a Seção Especial, duas entrevistas e dezessete artigos, selecionados por um corpo de pareceristas *ad hoc* constituído por mais de cinquenta especialistas de quase todo o Brasil e Portugal. As quase trinta submissões evidenciam o crescente interesse pela área.

O texto clássico “Saussure e as estruturas lexicais” é um trabalho inédito da professora Margarida Basilio, apresentado na Mesa-Redonda “Os 80 anos de publicação do *Curso de Linguística Geral* de Saussure”, no II Encontro Nacional do CELSUL, realizado em Florianópolis, em 1997. Nele, a autora reflete sobre os ensinamentos do mestre genebrino sobre as estruturas lexicais, exemplificando sempre com dados do português.

Na Seção Especial, o professor Mário Eduardo Viaro discute os constituintes Significante, Significado e Referência no modelo tradicional de signo linguístico, com vistas à compreensão de onde nele se situaria a Morfologia: se no Significante ou no Significado. O texto de Viaro certamente dialoga com o de Basilio, uma vez que ambos perpassam pelas ideias de Saussure.

Na sequência, temos duas entrevistas, ambas feitas por Juliana Soledade, Nival Simões Neto e Carlos Alexandre Gonçalves. A primeira é com o ilustre e renomado morfólogo Geert Booij, que se debruça sobre questões de morfologia há mais de 40 anos e propôs o modelo de Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010), com ampla utilização inclusive no Brasil. A segunda foi feita com Jenny Audring, parceira de um dos principais linguistas vivos na atualidade: Ray Jackendoff. Nela, Audring fala da parceria com Booij e Jackendoff e elucida questões de um novo modelo, cunhado por ela e Jackendoff de *Morfologia Relacional*.

Logo após, vêm os dezessete artigos selecionados. São dois os autores portugueses, Tânia Santos Ferreira e Rui Abel Pereira, ambos da Universidade de Coimbra (FLUC e Celga-Iltec). Coincidentemente, os dois tratam de questões referentes à flexão: a primeira aborda o gênero e o último, o número. No seu estudo, Tânia Ferreira analisa um conjunto de desvios morfológicos detectados em produções escritas por aprendentes tardios de PLN, tendo em vista identificar as estratégias por estes adotadas na atribuição de gênero nominal do português. O professor Rui Pereira, além de se analisar a informação de que o falante dispõe no momento da produção das formas de plural dos nomes em -ão, apresenta os resultados de um estudo empírico, que revelam as tendências de uso entre os falantes do Português Europeu quando estão em causa unidades lexicais com variantes opcionais de plural.

Os autores brasileiros são de instituições do norte ao sul do país. Do nordeste, temos Bruno Felipe Marques Pinheiro, da UFS, que estuda a alternância -inho/-zinho, analisando questões estruturais e dialetais; Nival Simões Alves, da UEFS, que aborda, numa perspectiva construcional, os padrões sufixais latinos [XNi-ĪTĪA]Sj e [XNi-ĪTĪĒS]Sj e os desenvolvimentos [XAi-IÇA]Sj, [Xi-ICE]Sj, [Xi-EZ]Sj e [XAi-EZA]Sj no português arcaico; e Eudes Barletta Mattos & João Paulo Lazzarini Cyrino, da UFBA, que realizam uma investigação teórico-histórica de duas grandes inconsistências na tipologia linguística, inseridas na interface morfologia/sintaxe: o uso da noção de palavra.

Dois trabalhos foram desenvolvidos no norte do Brasil: “Construções nominais e nominalização em Mawé (Tupi)”, de Raynice Geraldine Pereira Silva, da Universidade Federal do Amazonas; e “pagar o pato é o mesmo que pagá-lo? Considerações sobre o comportamento morfossintático em fraseologismos”, de Davi Pereira de Souza, Abdelhak Razky, Carlene Ferreira Nunes Salvador, os dois primeiros da Federal do Pará e o último, da Federal Rural da Amazônia.

Do sul do Brasil, temos trabalhos em diferentes línguas e perspectivas teóricas: um sobre LIBRAS e outro, sobre o fenômeno do truncamento. André Nogueira Xavier e Daiane Ferreira, da Federal do Paraná, analisam 108 formações lexicais da libras. Por sua vez, Débora Heineck, da UFRGS, verifica a frequência de uso de dados de truncamento e analisa se esse fator exerce influência no processo de truncamento no português brasileiro.

Duas instituições de São Paulo contribuem com trabalhos para esse dossiê. Da Unicamp, Paulo Ângelo de Araújo-Adriano desenvolve um estudo sobre formas nominais do verbo, gerúndio nominal, gerúndio verbal. Da USP, Maurício Resende analisa o estatuto da unidade “palavra” (morfológica) à luz de fenômenos relevantes para a aquisição da linguagem.

Representando Minas Gerais, mais especificamente, a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Pâmella Alves Pereira, através da proposta de *continuum* radical-afixo (GONÇALVES; ANDRADE, 2016), retoma o estudo das formações portuguesas em que há anteposição do elemento *não* a um nome como ‘não fiel’, ‘não sócio’ e ‘não pagamento’.

Por fim, dos cinco trabalhos desenvolvidos no Rio de Janeiro, quatro são da UFRJ. Tiago Vieira de Souza questiona “Por que estudar morfologia?” e reivindica um ensino 3C: crítico, criativo e contextualizado; Isabella Lopes Pederneira, Rafaela do Nascimento Melo Aquino & Miriam Lemle analisam e apresentam a maneira pela qual palavras e construções sintáticas da língua inglesa são integradas na gramática dos falantes do português do Brasil, considerando a análise construcionista de Gramática Gerativa da Morfologia Distribuída; Leonardo Lennertz Marcotulio & David Batista de Jesus Travassos descrevem a variação na realização do pretérito imperfeito do subjuntivo em espanhol; e Jaqueline dos Santos Peixoto investiga fenômenos da interface morfologia e fonologia no português do Brasil, fornecendo evidências para a noção de ciclo derivacional. Do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Vitor de Moura Vivas & Margareth Andrade Morais propõem integração entre texto, leitura e análise morfológica.

Que este dossiê não apenas dê mostra de quão frutíferas e variadas são as pesquisas na área de morfologia, mas também possa servir de estímulo ao desenvolvimento de outros estudos nesse campo de investigação tão instigante e tão diverso.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, S. Where's Morphology? *Linguistic Inquiry*, Vol. 13, No. 4, p. 571-612, 1982
- BENUA, L. Identify effects in morphological truncation. In: BECKMAN, J. (ed.). *Papers in Optimality Theory*, Massachusetts, 18 (1), p. 77-136, 1995.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. Campinas: Pontes/Ed. UNICAMP, vol. II, 1992, p. 39-64.
- CRYSTAL, David. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. 4ª ed., London: Copyright, 1997.
- GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: and archeologist's field trip. In: *Papers from the 7th Meeting of the Chicago Linguistics Society*. Chicago: Chicago Press, p. 25-53, 1971.
- GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação. *DELTA*, São Paulo, 32 (2), 261-294, 2016.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K; KEYSER, S. J. (Eds.). *The View from Building 20*, MIT Press, Cambridge, 1993, p. 111-176.
- JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Morphological schemas: theoretical and psycholinguistic issues. *The Mental Lexicon*. v. 11, n. 4, p. 467-493, 2016.
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*: Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.
- McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. Faithfulness and reduplicative identity. In: BECKMAN, J.; DICKEY, L.; URBANCZYK S. (Org.). *Papers in Optimality Theory*. Amherst: GLSA, 1995. p. 333-379.
- McCARTHY, J. *Prosodic morphology*. Amherst: University of Massachusetts and Brandeis University, 1986.
- RAPOSO, E. et al. *Gramática do Português* (vol.3). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015).
- RIO-TORTO, G. et al. *Gramática derivacional do Português*. 2ª ed., Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.